

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO**

**Programa de Pós-Graduação Lato Sensu - Especialização em
Educação e Divulgação Científica**
Campus Mesquita

Dulce de Barros Gaspar

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E ARTETERAPIA: Linguagem Cinematográfica no
Museu de Imagens do Inconsciente

Mesquita – RJ

- 2017-

Dulce de Barros Gaspar

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E ARTETERAPIA: Linguagem Cinematográfica no Museu de Imagens do Inconsciente

Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de Artigo apresentado com o objetivo de obtenção do título de Especialista em Educação e Divulgação Científica, do curso correspondente Lato Sensu, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro- Campus Mesquita.

Orientadora: Professora Doutora Maylta Brandão dos Anjos

**DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E ARTETERAPIA: Linguagem Cinematográfica no
Museu de Imagens do Inconsciente**

Dulce de Barros Gaspar

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de
Artigo, apresentado como parte dos requisitos
necessários para obtenção do título de
Especialista em Educação e Divulgação
Científica.

Aprovada em ___ de _____ de 2017.

Conceito: _____ (_____).

Banca Examinadora

Prof. Dr.^a Maylta Brandão dos Anjos
Orientadora/ IFRJ - Mesquita)

Prof. Dr.^a Leda Glicério Mendonça
Avaliador 1- IFRJ- Realengo

Prof. Ms. João Guilherme Lisboa
Avaliador 2- UFRRJ

Prof. Dr.^a Marta Ferreira Abdala Mendes
Suplente -IFRJ- Mesquita

IFRJ – MESQUITA
2017

Á toda humanidade que faz parte de um sonho chamado felicidade.

AGRADECIMENTOS

À Deus, com seu plano de amor, Senhor da minha vida, que pelo seu amor mais uma vez me sustentou para realização dessa pesquisa.

À minha orientadora Professora Maylta Brandão dos Anjos, que recebo e confirmo como um anjo que Deus na sua infinita sabedoria e bondade me presenteou.

À minha família, razão da minha existência. Em especial, à minha mãe Mirian Barbosa de Almeida, meus filhos Anderson, Thiago e Patbia, pelo apoio necessário nas horas incertas.

À Yuri, meu único neto, “até o momento”, que é paciente e inteligente quando me presenteia com seus diálogos de conhecimentos.

À todo corpo da Igreja da Cidade, que estiveram presentes com palavras de conforto e encorajamento espiritual.

Aos meus Professores do IFRJ- Nilópolis e Mesquita, que através de seus ensinamentos me levaram ao mundo novo de conhecimentos.

Um especial para os professores: Dr.^a Leda Glicério Mendonça, Ms. João Guilherme Lisboa e Dr.^a Marta Ferreira Abdala Mendes, que aceitaram o convite para compor a Banca Examinadora.

Aos meus amigos do IFRJ- Mesquita da Pós do Amor e da Zueira.

Um destaque para meus amigos companheiros de quase todas as horas, Cláudia Pinho e seu esposo Luiz Celestino.

A todos que fizeram parte dessa trajetória.

Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século?
Porventura não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?

1 Coríntios 1:20

GASPAR, Dulce de Barros. **Divulgação Científica e Arteterapia:** Linguagem Cinematográfica no Museu de Imagens do Inconsciente, 36 p. Trabalho de Conclusão de Curso /Artigo. Programa de Pós-Graduação Especialização em Educação e Divulgação Científica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Mesquita, na cidade de Mesquita, RJ, 2017.

RESUMO

Este artigo se constitui em discussões e análises a respeito da Divulgação Científica e da Arteterapia em uma linguagem cinematográfica no Museu de Imagens do Inconsciente. Espaço esse que se destaca pelo uso de instrumentos das artes, por meio da terapia como ferramenta de desenvolvimento no campo da ciência. A pesquisa se ateve à realização de uma análise reflexiva, baseada num estudo bibliográfico, da obra cinematografia “Imagens do Inconsciente”, de forma mais explícita, o episódio “Em Busca do Espaço Cotidiano”, a respeito de Fernando Diniz. Como consideração a ser levantada, apontamos, no tema estudado, um desafio à Divulgação Científica, em uma linguagem cinematográfica, que tem como parte do roteiro a origem do Museu de Imagens do Inconsciente, na filmografia de Leon Hirszman, na qual o argumento é da própria Nise da Silveira no processo de inclusão e acessibilidade por via das construções realizadas pela expressão da arte. Por fim, o estudo aponta que a Linguagem Cinematográfica acontecida no Museu de Imagens do Inconsciente fortalece os elos da Divulgação Científica e da Arteterapia se constituindo em ferramentas que amplificam o sentido de ciência.

Palavras chave: Divulgação Científica; Arte; Ciência; Linguagem Cinematográfica; Museu de Imagens do Inconsciente

GASPAR, Dulce de Barros. **Divulgação Científica e Arteterapia:** Linguagem Cinematográfica no Museu de Imagens do Inconsciente, 36 p. Trabalho de Conclusão de Curso /Artigo. Programa de Pós-Graduação Especialização em Educação e Divulgação Científica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Mesquita, na cidade de Mesquita, RJ, 2017.

ABSTRACT

This article consists of discussions and analyzes about Scientific Dissemination and art therapy in a cinematographic language in the Museum of Images of the Unconscious. Space that stands out by the use of instruments of the arts, through the therapy like tool of development in the field of science. The research was based on a reflective analysis, based on a bibliographical study, of cinematography "Images of the Unconscious", more explicitly, the episode "In Search of the Daily Life", about Fernando Diniz. As a consideration to be raised, we point out, in the subject studied, a challenge to the Scientific Divulcation, in a cinematographic language, that has as part of the script the origin of the Museum of Images of the Unconscious, in the filmography of Leon Hirszman, in which the argument is Nise da Silveira in the process of inclusion and accessibility through constructions made by the expression of art. Finally, the study points out that the Cinematographic Language happened in the Museum of Images of the Unconscious strengthens the links of Scientific Divulcation and Art Therapy being constituted in tools that amplify the sense of science.

Keywords: Scientific Disclosure; Art; Science; Cinematographic Language; Museum of Images of the Unconscious

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 NISE DA SILVEIRA E A ARTETERAPIA DO MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE.....	12
3 LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	16
4 LEITURA DAS IMAGENS	21
5 ANÁLISE REFLEXIVA DO EPISÓDIO “EM BUSCA DO ESPAÇO COTIDIANO “	25
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	30
CONSIDERAÇÕES	32
REFERÊNCIAS	34

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa parte de um estudo preliminar levantando a seguinte pergunta: de que forma acontece a Divulgação Científica em uma linguagem cinematográfica que relata a história que deu a origem o Museu de Imagens do Inconsciente? Esse questionamento nos levou a pensar esse espaço em que se destaca o uso das ferramentas das artes e está localizado no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira (antigo Centro Psiquiátrico Pedro II) no Engenho de Dentro no Rio de Janeiro. Foi fundado em 1952 no intuito de ser um ambiente oposto ao de atrocidades e abusos humanos e científicos que ocorriam dentro dos antigos manicômios, como os choques elétricos, a lobotomia, as agressões físicas e o desrespeito ao sujeito em desequilíbrio mental e emocional.

A partir da história de Nise da Silveira, pioneira na luta antimanicomial e de como a Divulgação Científica contribui para consolidação dessa ideia que revolucionou a história da loucura, fazendo o uso da arte na terapia como instrumento de desenvolvimento no campo científico. Trazemos assim nas leituras bibliográficas conceitos e histórico da ciência e arte, bem como na linguagem cinematográfica “Imagens do Inconsciente” de forma mais específica no episódio “Em Busca do Espaço Cotidiano” a respeito de Fernando Diniz, onde Hirszman, trata elementos dessa questão, sobretudo para a educação e Divulgação Científica.

Objetivamos, nesse artigo, analisar de que forma a história do Museu de Imagens e Inconsciente, veiculada à linguagem cinematográfica, do documentário “Imagens do Inconsciente” de Leon Hirzman, contribui para ciência e arte no universo da Divulgação Científica. Verificando como a história do Museu de Imagens do Inconsciente, contada através da linguagem cinematográfica contribui para a diáde Ciência e Arte.

Para o desenvolvimento deste artigo assumiremos a metodologia da pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa por meio da leitura de bibliografias acadêmicas em: livros, artigos científicos, documentos eletrônicos, DVD da trilogia “Imagens do Inconsciente”, na busca de conhecimentos sobre a história do Museu de Imagem do Inconsciente na sua expressão de ciência e arte utilizada na terapia e Divulgação Científica.

Concordando com Gil (2002, p.44), que diz: “embora o planejamento da pesquisa exploratória seja bastante flexível, na maioria dos casos assume a forma de

pesquisa bibliográfica.” Esse, por sua vez, tem seu desenvolvimento baseado em materiais já existente de fundamentos científico e a pesquisa pode se desenvolver de forma totalmente bibliográfica.

O interesse pelo tema iniciou, com uma experiência na qual participei como bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico- CNPq, em uma oficina de música em um Centro de Atenção Psicossocial - CAPS. Em um segundo momento, convidada a participar como bolsista de iniciação científica na qual a experiência fez parte do meu trabalho de conclusão do curso de graduação, e me levou a um contato expressivo com o Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira, especialmente com o Museu das Imagens do Inconsciente, onde desperto-me para realização deste artigo. A justificativa se faz pela necessidade presente de pesquisas que envolvem os temas ciência e arte, que trabalhem com vidas em um museu, usando a sensibilidade da arte na terapia em busca de cura emocional.

Os efeitos da arte terapia proposto por Silveira podem ser visualizados em uma linguagem cinematográfica que tem sua narração nos trabalhos executados pelos próprios artistas do Engenho de Dentro. E essa linguagem faz parte da popularização e divulgação científica no que é específico ao tema aqui tratado.

Para este trabalho de conclusão do curso de Especialização de Educação e Divulgação Científica, foi estruturado um pequeno relato sobre o caminho percorrido em cinco seções primárias: na primeira procuramos conhecer um pouco do universo da Dr^a Nise e discorre um breve histórico o Museu de Imagens do Inconsciente; na segunda, apresentamos e procuramos entender, conceitos acerca da linguagem cinematográfica na divulgação científica baseado em diversos autores; na terceira, leitura das imagens, direcionamos para este artigo três aspectos de leitura - a junguiana, a arteterapia e a do Museu de Imagens do Inconsciente; na quarta, análise reflexiva do episódio “em busca do espaço cotidiano, analisamos sob a luz do documentário de Hirszman, os experimentos artísticos e científicos praticado no Museu de Imagens do Inconsciente, buscamos conhecer a história de vida de Fernando Diniz, para maior entendimento da avaliação e análise da linguagem cinematográfica como ferramenta de Divulgação Científica; e na sexta seção, trazemos, resultados e discussão. Para finalizar a composição deste trabalho as considerações, tendo o objetivo de responder o problema apresentado com resultados obtidos e, a partir daí sugerimos abordagens novas a respeito do tema.

2 NISE DA SILVEIRA E A ARTETERAPIA DO MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE

Importante se faz trazer um pouco da vida de Nise da Silveira que foi psiquiatra, escritora, pensadora, cientista e sensível. Introduziu no mundo da ciência a arte através do afeto. Uma alagoana, filha única, de uma pianista e o secretário do Jornal de Alagoas, cursa a faculdade de medicina entre os anos de 1921 a 1926, sendo a única mulher desta turma. Em 1927 chega ao Rio de Janeiro, em março de 1936, é presa, na cadeia observa que através de um trabalho produtivo as pessoas se fortalecem (PANDOLFI, 1992).

Nise da Silveira pioneira no Brasil no uso da arte como terapia, através de sessões de terapia ocupacional de pinturas e modelagem usadas como experimentos em seus atendimentos aos seus clientes no Hospital Psiquiátrico Pedro II do Rio de Janeiro. Experiência esta que fez com que a doutora verificasse que seus pacientes apresentava uma melhora à medida que realizavam os trabalhos levando a uma evolução permitindo assim uma análise a respeito das aflições humanas. Em sua proposta de uma terapia inclusiva onde podemos vê a arte como instrumento de terapia não verbal mais de um amparo fundamental no cuidado da saúde mental (PANDOLFI, 1992).

Não podemos falar da origem do Museu de Imagens do Inconsciente, sem conhecer as críticas de Nise da Silveira aos tratamentos agressivos utilizados nas doenças emocionais. Silveira (1992, p.16) “Quando retomei o trabalho no Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro, não aceitei os tratamentos vigentes na terapêutica ocupacional, considerado na época (e até hoje) um método subalterna”. Silveira (1992), em 1946, em seu trabalho no Centro Psiquiátrico em Engenho de Dentro, discorda dos métodos de tratamento utilizados na terapêutica ocupacional, ato este que considerado como métodos de entreter, pensa em destinar um sentido diferenciado dos existentes na terapêutica ocupacional nos hospitais psiquiátricos.

Silveira (1992), ao se perguntar sobre o lugar da terapia ocupacional utilizado como meio de tratamento psiquiátrico, constrói e vê surgir um método singelo através da arte representada entre outras na modelagem e pintura, para ser trabalhado de forma psicoterápica, abrindo assim um caminho para o tratamento das doenças mentais e emocionais por vias da terapia ocupacional como papel na psicoterapia. Estabelecendo regras diferenciadas dentro de um ambiente hospitalar relacionado a tratamento terapêutico nas doenças emocionais usando um caminho de afeto, conhecido como a experiência do Engenho de Dentro.

Ao realizar um desenvolvimento gradativo e introduzir diversos núcleos para as atividades terapêuticas, observamos que essas ofereciam aos seus frequentadores condições de se expressarem através da arte, tendo um ateliê de pintura e modelagem usado para desenvolver parte do tratamento de esquizofrenia

[...] que qualificou como não agressivo; pondo em destaque a criação de critérios para que a terapêutica ocupacional se caracterizasse como psicoterapia de cunho não verbal e estivesse inextricavelmente unida à noção de reabilitação; finalmente, ressaltando a fundação do Museu de Imagens do Inconsciente, em 1952.(MELO, 2009, p.31)

Silveira (1992) ao criar o Museu de Imagens do Inconsciente, em 1952 em uma sala pequena do hospital do Engenho de Dentro, confere um outro signo à condição daqueles sujeitos que ali estavam e que dependiam do abrigo do Estado. Depois de quatro anos o espaço criado passa a ocupar um lugar mais extenso, onde constituíram diversas oficinas de terapêutica ocupacional, sendo assim, museu e oficinas funcionam juntas. Os primeiros anos foram constituídos por um ateliê de pintura que compôs o acervo do Museu e contou com a colaboração do artista Almir Mavignier. Tanto Nise quanto Mavignier possuíam a proposta de trabalhar a arte como recurso terapêutico no tratamento dos internos.

O que deu origem ao Museu de Imagens do Inconsciente, de acordo com Silveira, (2002, p.137) “Foram os trabalhos artísticos dos internos que culminaram na criação do Museu de Imagens do Inconsciente, em 1952”. Em 1947 e 1949, aconteceram exposições do material produzido por artistas do Engenho de Dentro, para que a sociedade em geral apreciasse as produções concebidas através, da arte terapia praticada na “Seção de Terapêutica Ocupacional”, fundada em maio de 1946. Afirma Silveira (1992, p.16) “Nosso objetivo era fazer da Seção de Terapêutica Ocupacional um campo de pesquisa, onde diferentes linhas de pensamento se encontrassem e se pusessem á prova.” Com intuito de preservar as obras produzidas e ao mesmo tempo pesquisar o acervo dos artistas, nasceu o Museu de Imagens do Inconsciente em 20 de maio de 1952. Foi a produção plástica realizada no ateliê, que deu origem ao Museu de Imagens do Inconsciente. As obras foram reconhecidas internacionalmente o que nos leva a acreditar que tal fato perfaz a história da arte no Brasil e as reflexões aqui levantadas por tratar de elementos interdisciplinares nos campos da arte, ciência e divulgação científica.

Segundo Silveira (1992, p.17), foram dois os motivos que levaram a criação do Museu de Imagens do Inconsciente, “compreensão do processo psicótico e valor terapêutico” que teve sua base a partir da “Seção de Terapêutica Ocupacional”, onde através das artes plásticas os pacientes expressavam seus conteúdos internos. Na arte, podemos destacar que seus efeitos usados na terapia, através de suas práticas utilizadas no Museu de Imagens do Inconsciente, ou seja, práticas livres, demonstravam a espontaneidade de cada cliente para que o mesmo se sentisse acolhido pelo afeto

[...] o elemento fundamental das realizações e das concepções de Nise da Silveira era o afeto, o afeto pelo outro. Foi por não suportar o sofrimento imposto aos pacientes pelos choques que ela buscou e inventou outro caminho, no qual, em vez de ser vítima da truculência médica, o doente se tornou sujeito criador, personalidade livre capaz de criar um universo mágico em que os problemas insolúveis. (GULLAR, Folha de São Paulo 27/02/2005).

Silveira, (1992) introduziu no mundo da ciência a arte através do afeto criticando aos tratamentos agressivos utilizados nas doenças emocionais ao assumir o setor da terapia ocupacional no “Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro”. Melo, (2009, p.31) nos remete a uma visão diferenciada a respeito do trabalho de Silveira “Não se pode negar que seu trabalho contribuiu de maneira efetiva na reabilitação psicossocial de diversas pessoas, além de modificar a visão historicamente negativa que recai sobre o chamado doente mental”.

A vida de pessoas excluídas de uma sociedade, por causa das doenças da mente pode ser reconstruída como um quebra cabeça muitas vez não chegando a completar, mas pode contribuir para amenizar a agonia, usado a arteterapia como um caminho de afeto.

Concordamos com Boff (2003) quando afirma que ética e o cuidado ao paciente devem existir, observamos que no Museu de Imagens do Inconsciente existe numa constante de afeto que envolve e estreita as relações entre ciência, arte e divulgação científica. As exposições e a existência desse espaço, nessa lógica, devem ser alimentadas no cuidado e numa atitude universal, capaz de conferir ao espaço e dos sujeitos que o constrói a autonomia necessária que coloque no mundo na plena condição de realização.

Esse conceito coaduna-se ao estudo ciência e arte e deve ser visto como prioridade de uma sociedade que une interesses de melhor qualidade de vida, melhor atendimento ao crescimento pelo conhecimento do outro, pelo conhecimento da saúde

mental, entrosamento, vínculos de confiança, satisfação de necessidades básicas, pelo amparo, entre outros. O Museu de Imagens do Inconsciente nos mostra isso. Aponta para essa questão que permanece aberta no sentido da proteção conquistada para superação de desafios.

O Museu de Imagens do Inconsciente com as pinturas e modelagens ali realizadas pelos internos, oferece cerca de 350 mil documentos entre telas, desenhos, pinturas e modelagens, catalogadas e devidamente cuidadas para que se mantenham conservadas.

Compõe-se de um centro vivo de estudo e pesquisa. O método de trabalho versa sobre imagens abstratas com significações paralelas a temas míticos. Dessa forma, evoca conexões entre as imagens que emergem do inconsciente e a situação emocional que está sendo vivida pelo indivíduo na relação existente entre arte, saúde mental e ciência. O valor artístico e científico que guarda o espaço ocasionou o tombamento de muitas obras do Museu, que é considerado um espaço vivo porque não cessa em sua produção, por isso a divulgação da ciência, nesse aspecto da saúde mental é nesse espaço vivido e praticado.

3 LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Entre diversos filmes no cenário cinematográfico brasileiro que apresentam em seus roteiros a origem do Museu de Imagens do Inconsciente, a trilogia filmográfica de Leon Hirszman intitulada “Imagens do Inconsciente”, nos encaminhou para realização desta pesquisa, na qual o argumento é realizado pela própria Nise da Silveira, e narrado por Ferreira Gullar e Vanda Lacerda. Fazendo parte Fernando Diniz – Em Busca do Espaço Cotidiano , Adelina Gomes – No Reino das Mães e Carlos Pertuis – A Barca do Sol. Hirszman (1983), nos levam a viajar em um estudo de caráter científico singular, educativo, cultural e, porque não de caráter político, que nos faz estudar a origem da criação do Museu de Imagens do Inconsciente, transversalmente à histórias de vidas reais, que levam a destacar a linguagem cinematográfica como um canal de conexão na Divulgação Científica, por levar e popularizar a informação no que se refere ao interno e ao seu estado emocional. Analisaremos de forma reflexiva e mais explícita, para efeitos da pesquisa, o episódio “Em Busca do Espaço Cotidiano“ a respeito de Fernando Diniz.

Sendo a linguagem cinematográfica um universo que compõe um filme através de ângulos, movimentos de câmara e planos utilizados como recursos de montagens que demonstram efeitos psicológicos e valor dramático de um filme. Logo:

A linguagem cinematográfica não se configura na mesma linguagem aduzida pelo discurso científico. O que se assiste no cinema não são apenas as concepções e ideias. O que se vê vai além, com os conceitos e imagens que erigem uma oratória na universalidade possível e factível de quem vive. Sendo assim, a contenda não necessita estar limitada no questionamento de uma concepção lógica, porque a lógica não é complementar, fazendo assentar o espectador á frente de circunstâncias imprevistas ou de uma experiência pessoal, expostas pelas nuances das cenas de um filme que remetem á lembranças e sustentam-se no que ontologicamente somos como humanos no mundo que faz da arte. Perceber isso nas diversas imagens amadurece o olhar para análise e à feitura da arte. (ANJOS, 2014, p.22),

Na busca de ampliar relações entre ciência, arte e tecnologia a Divulgação Científica se propõe a uma inclusão dentro de uma sociedade com caráter social, educacional e até mesmo científico. Para Mendes (2006, p.90) “A divulgação científica é a veiculação da informação científica ao público leigo em geral, utilizando processos e recursos técnicos para a transposição de uma linguagem especializada para outra não - especializada [...]” Mendes (2006), continua: Em uma Divulgação Científica que tem como meta se comunicar com um publico em geral, pode ser pensando como um

caminho de descobertas e porque não de avaliação utilizado seus princípios e valores culturais. Mesmos sendo a análise da DC uma busca recente podemos reconhecer no papel da divulgação como um organismo constituído pela educação e alfabetização científica.

Em Vadico (2008) e Melo (2010), encontramos a trilogia cinematográfica no formato de documentário, que chama atenção para questões sociais como a exclusão e formas de tratamento dos esquizofrênicos, produzido entre 1983 á 1985, para um público específico na área da saúde, indo além desta meta, se estendendo para um público geral. Concordando com Rocha *et al.* (2013,p.76) quando afirma que: “A ciência é uma das maiores conquistas da nossa cultura e, portanto, todos os cidadãos deveriam ser capazes de compreender e apreciar as questões relacionadas ao conhecimento científico”, afirmamos a importância do documentário como veículo de conscientização para a esquizofrenia, para o esquizofrênico e para os espaços de tratamento com ele. A Divulgação Científica, nesse caso consolidou um outro tipo de tratamento que humanizado, favoreceu a colocação do sujeito afeto à esquizofrenia no mundo. Ampliou sua comunicação por via da arte. Onde a arteterapia ocupa um papel e instrumento de inclusão e educação.

Do ponto de vista social, a divulgação científica participa da educação científica que influencia diretamente na construção e na manutenção de uma sociedade democrática. Essa seria uma visão liberal da divulgação científica de contribuição no processo decisório, em que os cidadãos mais capacitados em ciências possuem condições de decidirem sobre seu futuro numa sociedade baseada em conhecimentos tecnocientíficos. (MENDES, 2006, p.99,100)

Valério e Bazzo (2006) e Rocha *et al.* (2013), buscam através de estudos a respeito da Ciência Tecnologia e Sociedade- CTS, discutir determinadas alusões tecnocientíficas, dentro do contexto social onde a sociedade encontra meios de participar ativamente e democraticamente de caminhos que norteia a ciência e tecnologia com relação ao conhecimento científico.

A ciência e tecnologia são temas que tem uma relação contemporânea junto à sociedade enfatizando reflexões de caráter educativo com inovações lúdicas e criativas. E assim, o cinema, os documentários e os Museus como espaço de construção da arte favorecem ao tratamento e ampliam o campo de ação da Divulgação Científica unindo Ciência, Tecnologia e Sociedade numa dimensão mais humana e participativa.

De acordo com Nichols, (2005, p. 27), “Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos.” Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos, não mais, “[...] como se a divulgação da ciência implicasse unicamente na tradução, na transcrição das falas e textos de autoridades em determinados campos de atuação.” (BUENO,2011, p. 64)

A trilogia *Imagens do Inconsciente* oferece uma viagem admirável pela história que originou o Museu de Imagens do Inconsciente, um projeto desenvolvido pela Dr^a Nise da Silveira com os internos no Hospital Psiquiátrico de Engenho de Dentro e capturado magnificamente pelas lentes de Leon Hirszman nos seus detalhes e na sua necessidade de divulgar o trabalho que ali estava sendo implementado e que se implementou ao passar das décadas.

Além dos aspectos ligados ao bem-estar social que a ciência pode acarretar na forma das facilidades que pode oferecer através de suas aplicações tecnológicas e inovativas, há outra espécie de conforto que diz respeito às relações da sociedade com as tecnociências, que envolve valores e atitudes, hábitos e informações, com o pressuposto de uma participação ativamente crítica dessa sociedade no conjunto dessas relações. (VOGT, 2011, p.14).

Observamos que na ciência existe uma preocupação latente com a sociedade onde podemos fazer um trabalho de sociedade e ciência para o bem da educação através da Divulgação Científica, sabendo-se que o conhecimento é uma forma de mobilização que transformar e conscientiza uma sociedade.

Na comunicação se desenvolve uma ligação de conhecimentos técnicos - científicos, onde podemos relacionar como uma necessidade social que abre caminhos para diálogos entre grupos não especializados, mas que contém uma comunicação política social com importante significado na base tecnológica. (Castelfranchi, 2010)

Na forma do documentário a trilogia *Imagens do Inconsciente* pode se destacar no modo de apresentação expositivo, sugerida por Nichols, (2005, p.144), “o cineasta expositivo muitas vezes tem mais liberdade na seleção e no arranjo das imagens do que o cineasta da ficção.” Esta forma de documentário expositivo as imagens ilustram ao mesmo tempo organizam explicações a respeito da fotografia apresentada que se guia por uma linguagem verbal. Podemos assim dizer que os documentários de Divulgação Científica estão relacionados ao modo expositivo sugerido por Nichols, que apresentam

em sua forma uma transmissão verbal, por meio de legendas ou voz, dirigidos diretamente ao espectador. Para Melo (2010), Hirszman busca, reflete e aponta por meio de uma forma inovadora, embora com um material de cunho científico de aparência didática, a Imagem do Inconsciente que não se representa como uma ponderação da loucura, mas sim como uma reflexão das imagens e do inconsciente como algo que grita do sujeito na sua colocação de indivíduo no mundo. Concordado neste momento com PORTO, (2011, p.105)

Aliar a divulgação científica formal com a divulgação informal dos meios de comunicação de massa parece excelente receita para alfabetizar cientificamente o indivíduo, produzindo uma cultura científica transformadora no mundo contemporâneo.

Hirszman (1983), em busca de uma linguagem cinematográfica diferenciada que representasse através da arte praticada pelos artistas, revelou em sua obra expressiva um mundo interior que descortina pelas partidas e retrocessos da consciência. Esse documentário comprova que a Divulgação Científica é feita de vários discursos, vozes e é também polissêmico, porque, cabem várias metodologias e vários métodos. Eis o cinema e o documentário como um deles. Vejamos o que nos diz Hirszman

Fiz oito cortes para chegar á versão definitiva, eu que até então nunca tinha feito mais de três. Foi algo obsessivo, mas parte integrante da narrativa. Se não fosse assim, ela não seria entendida; é uma narrativa científica que leva em conta as questões da expressão artística desses três pintores. HIRSZMAN (1983, p.8)

Concordado assim com León (2001, p.50), que nos leva a pensar nas dificuldades encontradas quando se realiza a divulgação na procura de uma narrativa que preencha através dos meios audiovisuais e “possuem a capacidade de se relacionarem com precisão a um objeto científico, já que contam com o auxílio da imagem”, fazendo uso abrangente das palavras como uma forma solida de acompanhamento das imagens.

Hirszman (1983, p.8), revela que “não é um documentário de denúncia, é um filme científico, didático, de caráter cultural.” A intenção de realizar este filme foi de contribuir através da trilogia com pesquisas científicas, não de divulgar ou exibir de forma comercial mesmo se tratando de um filme de caráter científico, mas que revelar através da arte cinematográfica três casos clínicos, cujo a finalidade de ser educativo e disponível para pesquisas, mas sem deixar de ser aberto para um publico em geral.

Lordêlo e Porto (2012, p.27) considera: “que a divulgação científica é meio eficiente para disseminar o conhecimento sobre CT&I verifica-se que sem ela não haverá a construção de uma cultura científica e muito menos socialização de conhecimento e desenvolvimento da real cidadania”. Concordando, assim com Castelfranchi (2010, p.14-15) quando nos faz pensar em valores diferenciados relacionado a cultura científica como uma cultura social e política, direcionada aos cidadãos, “a cultura científica possui um valor que não é instrumental, e sim estético, intelectual e moral. A ciência, tal como a arte, a filosofia, a religião, o esporte, é uma parte importante de nossa cultura, que os cidadãos têm direito de usufruir e apreciar.”

Sendo assim o universo da Divulgação Científica tem que embrenhar-se na sociedade levando conhecimento para compressão do mundo que está em nossa volta, do qual participamos com decisões que poderão favorecer ou não a sociedade que fazemos parte, onde a expressão “*divulgação científica* faz-nos esquecer sua associação a todo um conjunto de representações e valores sobre a própria ciência, [...] O que está em jogo é a questão da multiplicidade de textualizações do conhecimento científico.”(SILVA, 2006, p. 1).

Para Valério e Bazzo (2006) é necessário acesso a uma educação qualitativa na área científica – tecnológica para uma sociedade ampla para o desempenho de uma cidadania através de um propósito e da capacidade do sujeito de trabalhar a favor da sociedade, onde as atividades de Divulgação e Educação Científica, nos levando a uma visão analítica a respeito da ciência e tecnologia possibilitando debates sociais relacionando a ciência. Segundo Porto (2011, p. 104) “Cabe à divulgação científica o papel de tornar a ciência um conhecimento acessível a todos os indivíduos.” Podemos, também, dentro de um contexto próximo, apontar a Divulgação Científica como uma área de conhecimento que tem o objetivo de inclusão do cidadão em decisões políticas a respeito de temas polêmicos.

Percebemos, assim, que a importância da Divulgação Científica, na linguagem cinematográfica, desempenha um papel de alcance para formação de opinião onde um público geral estabelece uma relação com problemas científicos por meios tecnológicos levando a uma discussão social que situa vários aspectos e situações devido aos assuntos multifacetados que cabem dentro do conceito de Divulgação Científica, na qual a obra cinematográfica significa uma das estratégias de popularização de um olhar que tenha esse cunho.

4 LEITURA DAS IMAGENS

“A leitura das imagens foi o grande fio condutor de toda a sua pesquisa no Museu de Imagens do Inconsciente.” Cruz Junior.

Entre tantos métodos de leitura das imagens citamos, de forma bastante breve e ligeira, três aspectos de leitura: a junguiana, a arteterapia e a do museu de imagens do inconsciente. São diversos os caminhos de enxergamos o mundo em nossa volta, podemos olhar exclusivamente para exterioridade e entendemos o mundo da arte plástica somente como cópias externas das pinturas ou desenhos do que conhecemos ou seja naquilo que observamos como parte do nosso universo. Existem outros que buscam fatos interiores que os levem a um conhecimento mais amplo onde podemos destacar a linguagem visual como meio de comunicação. De acordo com Silveira:

A imagem não é a simples cópia psíquica de objetos externos, mas uma representação imediata, produto da função imaginativa do inconsciente, que se manifesta de maneira súbita, mas sem possuir necessariamente caráter patológico, desde que o indivíduo a distinga do real sensorial, percebendo-a como imagens internas. (SILVEIRA 1992, p.82).

Segue Silveira, nos levando a uma viagem pelo século XX que apresenta como o século da imagem, onde somos invadidos por imagens através dos diversos meios de comunicação, em uma era tecnológica que se apresenta em diversos formatos e campos. Silveira, (1992, p.81) afirma que: “imagem e imaginação têm mau crédito entre os cientistas. Deturpariam a experiência do real, seriam instáveis e enganosas.” Aceitar os diversos domínios da psique com toda seu maquinário sem permanecemos engessados pode vir abrir portas do imaginário sem abandonarmos a razão.

Quantos de vocês, por exemplo, consideram que o sonho do demente precoce ou as imagens que o perseguem são algo mais que uma salada de palavras? Não nos surpreende ver até que ponto vocês estão empenhados em uma tarefa para a qual só existe muitos poucos predestinados. (ARTAUD,1979 - Cartas aos Poderes)

Desta forma Artaud nos remete ao nosso interior por meio de lembranças fascinantes ou aterrorizadoras nos levando a pensar em experiência no nosso dia a dia com seus diversos dramas e personagens, em suas diversas formas de interpretação, onde nos leva a atravessar uma porta simbólica que sempre nos trás de volta a realidade.

Segundo Silveira (1992), a psicologia junguiana reconhece o valor das imagens assim como a importância dos delírios e fantasias. Deste modo

[...] seria fundamental interagir com os conteúdos do inconsciente, porém sem perder o contato com a realidade externa. Isto porque, no mundo do inconsciente, podemos encontrar tanto fascinantes tesouros quanto terríveis monstros devoradores. (GRINBERG, 1997, p.39).

Continua Silveira (1992), a afirmar que Jung decifra as imagens do inconsciente como um produto adquirido por uma energia psíquica que faz e transforma imagens. Por consideramos a linguagem racional como única, se torna complexo perceber a transformação da energia psíquica em imagem revelada em outra linguagem, que se apresenta por símbolo de sentidos desconhecidos. Grinberg (1997, p.46), afirma que Jung “considerava a imaginação como uma das principais funções da psique, a expressão direta da atividade vital e a única forma pela qual a energia psíquica se manifestava na consciência.”

Concordando com Silveira (1992), pintar para Jung, não era simplesmente reportar paisagens, mas sim pintar imagens que percorrem dentro de nós. Considerando imagens e significado como semelhantes, a partir de uma configuração da imagem seu significado oferece uma forma clara.

Entre as formas de leitura de imagens a arteterapia é considerada um método que vem sendo agregado atualmente. Tendo a palavra arte uma característica de valor estético, não devemos pensar que o terapeuta tem intenção que seu cliente venha criar obras de arte e nem um cliente psicótico venha a pensar que é um artista. “... o valor da produção é tanto maior quanto mais ela representa o verdadeiro self do paciente, ou seja, se ela carrega efetivamente um sentido para o viver da pessoa em questão”. SEI (2011, p. 40), analisa que cliente psicótico procura uma forma de linguagem para expressar as emoções mais densas do seu ser. Para o terapeuta a procura nas formas plásticas produzida pelos seus clientes a problemática afetiva, os sofrimentos e os desejos de seu cliente. Em Silveira (1992), podemos associar a arteterapia a um estímulo livre de expressão que provoca a liberdade do inconsciente por meio das imagens.

Para a Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo (2009 *apud* SEI, 2010, p.07), “a arteterapia insere-se dentro de um contexto de exploração criativa e valorização do sensível, viabilizado por meio da utilização dos recursos artístico-

expressivos”. Margaret Naumburg, esperava na arte um caminho para chamar atenção para o sentimento inconsciente.

A prática da Arteterapia, nomeada desta maneira, tem como grande precursora em território norte-americano a psicóloga de orientação psicanalítica Margaret Naumburg. Sua atuação foi intitulada de Artepsicoterapia e propunha a liberação de expressão espontânea e incentivo à associação livre por parte do paciente. (SEI, 2010, p.9)

Margaret Naumburg, fazia uso da arte para auxiliar os clientes no que se referia à imaginação e a decidir desordens de caráter interpessoais, argumentava que o significado da arte deve ser decifrado pelo cliente e não pelo terapeuta.

A arteterapia abraçada para os estudos do Museu de Imagens do Inconsciente tem uma característica de espontaneidade com suas realizações livres, sem intervenção. Silveira (1992, p.93) ao afirmar: “dessas diferenças de orientação, reconheço a importância do trabalho de Margaret Naumburg, que pôs em revelo o valor da imagem e trouxe vida a muitos frios serviços psiquiátricos...”. Sim, a imagem traduz o sentimento e a emoção dos sujeitos afetados emocionalmente. A arte cinematográfica amplia a ação e a problemática, divulgando sintomas, tratamento e a existência dessa complexidade que habita nos seres emocionalmente afetados pela esquizofrenia,

Silveira (1992, p.93) estudou a linguagem incoerente dos esquizofrênicos de modo observatório em séries de imagens, sublinhando seus progressos e seus retrocessos. “Nas imagens assim configuradas teremos auto-retratos da situação psíquica, imagens muitas vezes fragmentadas, extravagantes, mas que ficam aprisionadas no papel, tela ou barro”.

O caminho de pintar, desenhar ou até mesmo modelar livre sem intervenção em um clima acolhedor pode ser apontado como um caminho de entrada ao mundo interno dos portadores de doenças mental.

Transformador é o esforço de entendimento da linguagem simbólica que deve ter um foco no estudo sobre esta linguagem sem a preocupação de apontarmos detalhes de forma intelectual sobre as imagens simbólicas. De modo que para perceber a linguagem dos símbolos é necessário nos colocamos à disposição para estudar e reestudar uma nova linguagem, onde podemos apontar a arteterapia como uma área ampla de atuação científica que inclui expressões artísticas utilizadas como objeto de ação criativa que aponta um espaço de preparação psíquica com substância pessoal. É também procurar

outros interlocutores por via da Divulgação da Ciência, tentando minimizar os sintomas da exclusão e da invisibilidade social dada aos sujeitos.

Ao iniciar as atividades terapêuticas, com seus clientes, Nise, observa entre outras coisas uma produção de mandalas e temas de caráter religiosos. Para ter um entendimento destas obras, Nise procura explicações através do psicoterapeuta Carl G. Jung. Segundo Hall (1993, p.23). Jung “foi um incansável estudioso da psique.” Entre outras explicações, Jung explicava a respeito das mandalas, como uma produção da consciência em uma tentativa de reencontrar o eu perdido. Tendo assim uma ponte para entendimento da psicose. Silveira (1992) considerava a produção destas obras como um canal de estudo científico, que poderia ser decifrado pela psicoterapia e hoje podemos dizer que a filmografia pode amplificar esse debate e incrementar o que entendemos como inclusão no debate da Divulgação da Ciência, dos tratamentos que são oriundos dessa ciência e dessa popularização do científico.

5 ANÁLISE REFLEXIVA DO EPISÓDIO “EM BUSCA DO ESPAÇO COTIDIANO “

O documentário “Imagens do Inconsciente” que tem texto de Nise da Silveira e o roteiro e direção de Leon Hirszman. Inicia-se com um doce e suave som da música de Edu Lobo. Os créditos se passam no ritmo da música em uma tela negra com letras coloridas. A tela negra se abre para uma imagem de mulheres atrás das grades, o som suave da música inicial dá lugar a um canto de protesto, ou até mesmo de uma satírica: “Tira a gente dessa prisão, arroz duro, feijão sem sal, e mais atrás vem o macarrão, parece goma de engomar roupa, e mais atrás vem a sobremesa, banana podre para botar na mesa.”

As cenas seguintes passam por uma enfermaria de homens, depois mulheres deitadas em bancos e no chão, em uma panorâmica. No exterior, duas mulheres em gritos de protestos e aflição, insatisfação e agonia indo para uma planta como um sinal de calma e terminando em um homem dormindo no chão.

Em um plano aberto um porteiro abre um enorme portão que nos faz imaginar abertura de grades, nos convidando a entrar para conhecermos um mundo diferente por meio de uma sequência de imagens que nos proporcionam um preciso histórico da origem do Museu de Imagens do Inconsciente e seu trabalho terapêutico, por meio da arte plástica, usando um método de estudo de série de imagens. Com objetivo de amenizar o sofrimento das pessoas que sofrem de doenças psíquicas e emocionais, cuja narração é realizada por Ferreira Gullar, ao mesmo tempo que imagens são apresentadas, imagens estas de pinturas feitas no Museu de Imagens do Inconsciente o documentário transcorre como elemento de divulgação daquele estado de coisa, daquele recorte de ciência apresentada nos sintomas dos seres que ali passeiam por nós, em tela e na tela.

Ao término da introdução, Hirszman, nos leva a viajar com a câmera por um corredor, entrando em uma enfermaria, depois em um quarto que vai se revelando aos poucos o primeiro personagem desta trilogia, Fernando Diniz em: “Busca do Espaço Cotidiano.”

Fernando sai do quarto e percorre um caminho acompanhado pela câmara que passeia pelo espaço fechado, a tela se abre em uma imagem de um registro hospitalar, que pode ser visualizado um “diagnóstico de esquizofrenia.”. Com a narração feita por Vanda Lacerda, em voz em off que nos leva a perceber que esta voz ocupa um lugar representativo da ciência em um texto de Nise da Silveira.

A narração da história de vida de Fernando acontece em meios as imagens que vão sendo acrescentadas, chegando a criar a ilusão que está saído uma imagem de dentro de outra imagem e, em outros momentos, vão se apagando uma imagem e surgindo outra com tempo de exposição das imagens e de acordo com o roteiro, variando entre três e cinco segundos. A técnica e a arte aqui se consubstanciam para mostrar a ciência existente nos sintomas da humanidade ali mostrada.

As passagens de um bloco para outro são marcadas pela tela negra. A voz em off fornece informações a respeito do comportamento de Fernando durante o tempo que permanecia no ateliê de pintura, nos primeiros dias. Ele maneja os pinceis e tintas sem parar, sem a preocupação com a organização, revelando referências e pensamentos de sua vida imaginária.

Por um momento o filme nos remete a fala da Dr^a Nise da Silveira: “Eu não examinava as pinturas sentadas em meu gabinete. Eu os via pintar. Via suas faces crispadas, via o ímpeto que movia suas mãos.” Estas falas se ornaram com as imagens apresentadas que nos informam sobre a existência de dois mundos dos quais vivemos: o mundo externo onde nossas percepções estão ligadas aos nossos sentimentos e o mundo interno onde a percepção acontece por imagens do inconsciente.

Aos 25:07 do filme a voz (em off) de Fernando é ouvida pela primeira vez, sobre as pinturas por ele realizada; neste momento a voz tem um sentido de representação do objeto de estudo, Fernando diz:

São muitas fantasias sem qualquer utilidade. Algumas de beleza de fantasia, depois de fazer uma vem uma porção, mais isto tudo tem nome certinho, tudo isto é sabedoria que agente não sabe. As vezes é um significado é só para fantasiar mais nem sempre é fantasia. Parece um soldado militar, tem uma cabine parecendo um soldado o braço virou um escudo de qualquer soldado. O acerto da matemática vai passado para fantasia.

A voz que representa a ciência esclarece que a arte é usada como um objeto amenizador e organizador das emoções que lhe causa aflições. Através de um enquadramento quer passar a mensagem de separação de um objeto do outro, tenta-se evitar uma recaída na desordem. Este momento nos remete a Foucault (1970) quando se refere a palavra como instrumento de abertura de discórdia com os loucos, gerando assim uma atitude preconceituosa e ao mesmo tempo uma exclusão dos portadores de sofrimento psíquico. Ainda a muito a se avançar neste requisito onde vemos os médicos, os psicólogos e até mesmo os familiares como suas portas voz.

Era através de suas palavras que se reconhecia a loucura do louco; elas eram o lugar onde se exercia a separação; mas não eram nunca recolhidas nem escutadas. Jamais, antes do fim do século XVIII, um médico teve a ideia de saber o que era dito (como era dito, por que era dito) nessa palavra que, contudo, fazia a diferença. FOUCAULT, 1970, p.11).

De volta a Fernando, em um segundo momento prossegue: “Está tudo junto dentro de um saco: casa, frutas, bichos. Tem que separar em fileirinha.” Fernando, percorre um caminho do qual desperta para realizar desenhos de imagens visíveis dentro do seu universo. Caminho este entendido pela psicanalista como uma reação em busca de uma organização do próprio eu que ele deixa demonstrar de lado a lado aos desenhos das imagens um empenho em reorganizar seu próprio eu. Utilizando elementos geométrico, Fernando consegue iniciar um mundo reorganizado. Traz até mesmo um fato novo, quando começa assinar suas pinturas em um sinal de fortalecimento do ego para dominar o caos.

Concordando com Vanico (2008, p.109), a câmara se comporta como um instrumento que pode apontar os objetos que compõe aos poucos a sensação de ocupação de um espaço. Há momentos em que se aproxima, em outro se afasta, fazendo uma panorâmica, passeando e criando, pelos seus ângulos, a demonstração da ocupação por Fernando de seu espaço reprimido no mundo interno, que se apresenta pelas imagens do inconsciente. “A câmera procura criar à partir de seus ângulos a espacialidade contida no inconsciente imagético de Fernando” que sempre pintava feliz com muita alegria usando a oportunidade e sempre trazendo novidades, onde seu mundo externo se expressava sem repreensão.

Hirszman, neste momento nos faz conhecer a infância de Fernando de lado a lado aos planos longos e ao mesmo tempo fixos retratados as imagens. A voz de Fernando em off, toma conta deste momento do documentário relatando suas memórias.

Entre entradas e saídas do caos, Fernando pinta passagens próximas da realidade e outras simplesmente pelo poder de sonhar com as suas diversas criações do misterioso mundo que a ele se apresentou. O documentário finaliza com Fernando praticando modelagem, sem grade voltando para tela negra.

O documentário “Imagens do Inconsciente” mostra as diversas pinturas que põe luz à problemática da exclusão social dos esquizofrênicos e dos processos que esses sujeitos processam o seu pensamento sobre o mundo em forma de arte. Ele divulga esse estado de coisa, trazendo o tratamento de: Fernando Diniz.

A história de vida Fernando Diniz, contada por Silveira (1981, 1992) e Melo (2010) inicia no seu nascimento em 06 de dezembro de 1918, na cidade de Aratu, próximo a Salvador, Bahia. Com a morte de seu pai quando bem pequeno, sua mãe Augusta, costureira enfrentou inúmeras dificuldades para o sustento dos dois. Com quatro anos, Fernando e sua mãe passam a morar na cidade do Rio de Janeiro, residindo em pequenos quartos de casarões que tinham seus cômodos habitados por diversas famílias. Sua mãe trabalhava em grandes mansões, fazendo com isso que Fernando convivesse muito cedo com as contendas provocadas pelas diferentes classes sociais.

Em uma dessas mansões, Fernando passa a conviver com a menina Violeta, filha da patroa de sua mãe e um advogado muito rico, a partir desta convivência, Fernando se apaixona e passa a fantasiar um casamento dele, um menino mulato e pobre, com Violeta, menina rica e branca. Incentivado pela mãe, de forma metódica, Fernando passa a acreditar que para realizar sua fantasia de casar com Violenta, deveria se tornar um engenheiro rico, para isto teria que estudar muito. A sua mãe confirmava que se ele estudasse, ganharia muito dinheiro, para usar como desejasse. Ao mesmo tempo que valorizava a condição de ser rico e branco, exigia de Fernando um comportamento exemplar na casa dos brancos para que ela não corresse o risco de perder o emprego. “No entanto, a vida desta família e, mais precisamente, a trajetória de Fernando Diniz, serão marcadas pelos espaços de exclusão, ou seja, pela passagem e confinamento em instituições totais”. (MELO, 2010, p.635).

Aos nove anos, Fernando passa a morar em Petrópolis em uma instituição que contava com a direção de freiras. Não gostava das aulas, nem da alimentação oferecida; só apreciava os retiros de três dias ofertados pelo asilo que o afastava por um tempo da rigidez. Sem brinquedos passa a criar brinquedos interplanetários. Conforme Silveira, (1981, p. 181) Fernando declara que tinha: “O poder de sonhar com o que quiser menos com o que é da Terra.”

No asilo de feiras, Fernando permanece por dois anos, em seguida volta para o Rio de Janeiro, onde passa a estudar em uma escola pública; obtendo boas notas, chega a se preparar para o vestibular de engenharia, quando tem a notícia a respeito do casamento de Violeta que o levou a uma agitação de caráter emocional, perdendo o interesse pelos estudos e se descuidando do próprio corpo, passando assim a viver pelas ruas sem destino.

Chegou a praticar um ato de rebeldia que Silveira considerou como o único da vida de Fernando que fora banhar-se nu na praia de Copacabana. Foi levado preso por

este ato e permaneceu detido por seis meses, através de uma avaliação psicológica chega ao hospital do Engenho de Dentro. Concordado com Melo (2010, p.637). “pode-se acompanhar, por meio da triste biografia de Fernando, toda uma gama de mecanismos de exclusão social que encontram seu núcleo em diversas instituições que zelam pela “boa conduta.”

Fernando nunca saiu do hospital, a descrição de um prontuário e de uma pessoa ausente de seu mundo exterior, assinalam que em 1949 começa sua trajetória na terapia ocupacional, criada e conduzida pela Dr^a Nise da Silveira, caminhando assim para uma restauração através de expressões criativa que compõe uma coleção de imagens realizada por Fernando, forma-se respeitável objeto de estudo do poder auto curativo da arteterapia.

Essa multiquestão nos remete a Souza e Carvalho (2003), quando assinalam que a dignidade da vida é manifesta quando as condições da necessidade humana são supridas, entretanto há uma complexidade em que se têm como principais vertentes fatores subjetivos que não podem ser excluídos

das considerações acerca da qualidade de vida. Mesmo que critérios materiais específicos da experiência cotidiana sejam usados como indicadores, a dimensão subjetiva deve ser observada a fim de que se tenha uma percepção integral desse conceito. (SOUZA e CARVALHO, 2003, p. 516)

Dessa forma, as imagens produzidas através das artes fazem com que as subjetividades e as realidades vivenciadas no processo do tratamento provoquem autonomia e acolhimento dos internos no processo do tratamento institucional e as instituições de tratamento necessitam da arte e da ciência como estratégias de cura, como de divulgar o tratamento, o questionamento acerca deles e das técnicas que podem ser desenvolvidas e consolidadas pela ciência. Assim, a Divulgação Científica e Arteterapia se fortalecem numa Linguagem Cinematográfica que expõe o Museu de Imagens do Inconsciente como passo de um tratamento, de inclusão e de reflexão sobre a vida de quem ao tratamento está afeto.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Museu de Imagens do Inconsciente, mesmo desempenhando um papel importante para a Divulgação Científica, não supre a urgência de um diálogo entre Ciência e sociedade no que tange a sua especificidade de trabalho com parcela significativa de pessoas sujeitas à tratamentos emocionais. E nessa esteira, também não supre ao dialogo que se deve travar com as estratégias que os documentários possam ter como elementos divulgadores da arte e da ciência. Ainda que a arte se constitua elemento no auxilio ao tratamento das crises mentais e que a divulgação científica amplie o debate em torno do assunto, desmistificando ideias já cristalizadas, vemos que, neste momento, o amparo da linguagem cinematográfica da trilogia “Imagens do Inconsciente” no personagem, Fernando Diniz em ”Busca do Espaço Cotidiano” é uma forte tentativa do estabelecimento de uma forma de diálogo entre a Divulgação Científica e a arte nas expressões aqui colocadas, em que uma análise pautada pela fala da Ciência, abre espaço para o objeto estudado, ampliando assim a comunicação entre Ciência e sociedade, imagens, museus e pessoas que se colocam e não se destituem da sua condição de sujeitos nos seus tratamentos emocionais.

Corroborando com a existência de diversas possibilidades de divulgar a Ciência, que acontece nesses casos singulares, temos uma linguagem que tem o poder de alcançar um publico diversificado e ao mesmo tempo trazer conhecimento sobre a arteterapia praticada como forma de tratamento na saúde mental, através de um método enraizado no afeto, ponto chave que fica em aberto para novos estudos, reflexões e mergulhos interpretativos.

Pensando assim foi possível realizar este trabalho, que considerou a linguagem cinematográfica como elemento importante de comunicação e a arte usada como terapia para estudo científico. Fica, então, presente nos resultados apontados nesse breve estudo, um olhar diferenciado na realização da Divulgação Científica e uma propositiva de discussão de tema que não se esgota aqui, muito pelo contrário, se mostra como resultado e discussão de uma possibilidade de abertura de novas portas para esse assunto que instiga, intriga e se dá numa espiral contínua em que nenhum trabalho e pesquisa poderá dá conta. Conclui-se, portanto, como resultado a essencialidade da discussão, do tema e da sua divulgação no cenário acadêmico ligado a outras matrizes de análise dada a vocação interdisciplinar e conectiva da triangulação ciência, arte e Divulgação Científica.

Dessa forma, as imagens produzidas pelo documentário, foco de nossa análise, provocam reflexão e conferem autonomia no processo do tratamento institucional que utiliza a arteterapia numa Linguagem Cinematográfica aliada ao Museu de Imagens do Inconsciente, na história de vida Fernando Diniz, contada por Silveira (1981, 1992) e Melo (2010), sobretudo no que marca a crítica às situações de exclusão e confinamento em instituições totais. Eis que fica explícita a necessidade da Divulgação Científica para sensibilização de um tratamento mais humanizado é condizente às necessidades desse humano que não deve ser objetificado, coisificado e reificado em qualquer tratamento que seja submetido. Essa é a nossa análise; esses são os nossos resultados que se consubstanciam no sentido humano e humanizado do tema central e dos temas periféricos aqui trabalhados.

CONSIDERAÇÕES

“Creio que a transcendência é talvez o desafio mais secreto e escondido do ser humano. Ele se recusa a aceitar a realidade na qual está mergulhado porque se sente maior do que tudo o que cerca.

Com seu pensamento, ele habita as estrelas e rompe todos os espaços. Essa capacidade é o que nós chamamos de transcendência, isto é transcende, rompe, vai para além daquilo que é dado. Numa palavra, eu diria que o ser humano é um projeto infinito.” Leonardo Boff

Buscando responder ao problema de como a linguagem cinematográfica pode atuar como veículo de Divulgação Científica para o conhecimento da história do Museu de Imagens do Inconsciente, e de como reforçar a arte como elemento de contribuição para Ciência da Saúde, iniciamos este artigo, que chega ao seu final com mais reflexões do que respostas. Seria ousado demais concluirmos que o argumento dessa pesquisa e sua composição se sintetizam a este trabalho, pois acreditamos que há muito ainda a ser observado a respeito desta proposta, e só levantamos pontos que abrem chaves que se processam num aprofundamento do tema. Desta forma apresentamos considerações e não conclusões.

A partir da escolha do tema e do objetivo geral, a pesquisa se apresentou na busca de analisar de que forma a história do Museu de Imagens e Inconsciente, veiculada a linguagem cinematográfica, do documentário “Imagens do Inconsciente” de Leon Hirzman, contribui para ciência e arte no universo da Divulgação Científica. Sabemos que este é um caminho longo, que não compete ao tempo de um artigo. Assim asseguramos que avaliar temas como arte, ciência e divulgação científica é um processo extenso que encontrara resposta na sua processabilidade e que a Divulgação Científica e Arteterapia se fortalecem numa Linguagem Cinematográfica sim. Essa arte e essa linguagem expostas pelo documentário, desperta para a importância de um tratamento que considera o outro na sua atividade criadora. Para tanto o veículo em que esses fatores se concretizam, ou seja, o Museu de Imagens do Inconsciente, é divulgado como um local, um espaço que possui tratamento de inclusão e de reflexão sobre a vida de quem está afeto àquela ordem inclusiva pela arte, pelo respeito das pinceladas e pela expressão de poder ser o que a imaginação puder fazer na tela e no pincel.

Os efeitos da arteterapia proposto por Nise da Silveira pode ser visualizado na trilogia cinematografia “Imagens do Inconsciente” de Leon Hirszman, que traz o argumento da lógica científica, revelando em uma linguagem cinematográfica, que tem

sua narração nos trabalhos executados pelos próprios artistas do Engenho de Dentro, o processo de um tratamento, de inclusão e de reflexão sobre a vida de quem ao tratamento está afeto.

Dessa forma, é no valor artístico e científico que o documentário transmite luz à problemática cultural, científica e divulgadora dessa multiquestão da criação do Museu de Imagens e Inconsciente. Revolucionada foi aí a história da loucura com método que lançou mão da arte na ciência como instrumento que desenvolve o campo científico, transformando não só o campo da saúde mental, mas também amenizando os efeitos da loucura através das expressões expostas na imagem. A Divulgação Científica está presente aí, na arte de se fazer o processo diferente e divulgar, os resultados desse processo mais agregador e humano.

Por isso, ao trazermos Silveira e Hirszman, que nos revelam o poder de ligar arte e ciência e divulgação, através das imagens usadas como instrumento de promoção à saúde, vemos transcender e florescer a ciência que emancipa e liberta em saúde, popularização e arte. Além da linguagem cinematográfica, ser utilizada como objeto de Divulgação Científica ela nos proporciona conhecimento a respeito da origem do Museu de Imagens do Inconsciente, promovendo, assim, a divulgação de um método, não menos científico, por meio da arte, onde podemos ver claramente a combinação da tríade saúde, ciência e arte. Podemos assim pensar na Divulgação Científica, em formato cultural que contribui para ciência, elevando a composição do humano, da liberdade de expressão dos sujeitos como elemento de cura. Sabemos que cada vez mais são necessários panoramas distintos que apresentem linguagens próximas e aceitas pelo público alvo. Que sejam inteligíveis e sensorialmente perceptíveis, porque tanto a cinematografia quanto os museus funcionam, nesses termos, como elementos que divulgam processos de tratamento com aporte da ciência, por isso justificamos aqui nossa breve pesquisa que se enleva na mais doce tentativa de reconhecimento do outro nas suas possibilidades e nas suas tão genuínas criações.

De concepção despretensiosa esta pesquisa buscou trazer mais um apontamento e voz para divulgação científica na singularidade que este caso nos permite ter.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Maylta Brandão dos. **Cinema, arte e educação no ensino de ciências** / organização Maylta Brandão dos Anjos, Marcus Vinicius Pereira, Krystina Correia – Rio de Janeiro: Publit, 2014. 108 p.:fotos color.; 21 cm.

ARTAUD, Antonin. **Cartas aos Poderes. Porto Alegre:** Editorial Villa Martha, 1979. (Coleção Surrealistas - Vol. 1)
<http://docs12.minhateca.com.br/263732505,BR,0,0,Antonin-Artaud---Carta-Aos-Diretores-De-Asilos-De-Loucos.doc> Acesso em 15/05/2017

BOFF, Leonardo. **Ética e moral:** a busca dos fundamentos. Petrópolis (RJ): Vozes; 2003.

BUENO, Wilson Costa. **Diálogos entre ciência e divulgação científica:** leituras contemporâneas / Cristiane de Magalhães Porto, Antonio Marcos Pereira Brotas, Simone Terezinha Bortoliero (orgs.) ; prefácio Carlos Vogt. - Salvador: EDUFBA, 2011

CASTELFRANCHI, Yuri. **Jornalismo e ciência:** uma perspectiva ibero-americana. / Coordenação: Luisa Massarani. Rio de Janeiro: Fiocruz / COC / Museu da Vida, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo, Edições Loyola, 5^o Edição 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo, Atlas, 2002.

GRINBERG, Luiz Paulo. **Jug O homem criativo-** São Paulo FTD, 1997- Coleção Por outro lado.

GULLAR, F. **Cura pelo afeto.** Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2702200519.htm> Acesso em :24/06/2016
http://cronicamente.zip.net/arch2005-02-01_2005-02-28.htm Acesso em; 30/07/2016

HALL, C.S. VERNON, Nordby. **Introdução à Psicologia Junguiana** – 1993 – Editora Cultrix LTDA -São Paulo, SP.

HIRSZMAN, Leon. **Extra/livreto, Imagens do Inconsciente.** Montagem de depoimento feito em 1983. Complemento exclusivo dos DVDs Imagens do Inconsciente. Instituto Moreira Salles- Rio de Janeiro- RJ 2015.

IMAGENS do Inconsciente: **Em busca do espaço cotidiano.** Direção: Leon Hirszman. 1983/1986. DVDs -Brasil- 80 minutos- . Instituto Moreira Salles- Rio de Janeiro RJ- 2015.

LEÓN, Bienvenido. **O Documentário de Divulgação Científica.** Edições Cine- Clube de Avanca. Portugal 2001.

LORDÊLO, F. S.; PORTO, C. M. **Divulgação científica e cultura científica: Conceitos e aplicabilidade.** Ver. Ciênc. Ext. v.8, n.1, p.27, 2012.

MELO, Walter. **Nise da Silveira, Fernando Diniz e Leon Hirszman: política, sociedade e arte.** Psicologia USP, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 633-652, sep. 2010. ISSN 1678-5177. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42066>>. Acesso em: 23 june 2016.

MELO, Walter. **Nise da Silveira e o Campo da Saúde Mental.** Mnemosine Vol.5, nº2, p. 30-52 (2009) – Artigos.

MENDES, Marta Ferreira Abdala. **Uma perspectiva histórica da divulgação científica: a atuação do cientista-divulgador José Reis (1948-1958).** Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde. Rio de Janeiro 2006.

NICHOLS, Bih **Introdução ao documentário** - tradução Mônica Saddy Martins. - Campinas, SP: Papirus, 2 0 0 5 . - C o l e ç ã o Campo Imagético

PANDOLFI, Dulce Chaves. **Nise: os estudos, a militância, a prisão / 1992.** Imagens do Inconsciente. Instituto Moreira Salles Rio de Janeiro –RJ.

PORTO, Cristiane de Magalhães. **Diálogos entre ciência e divulgação científica : leituras contemporâneas /** Cristiane de Magalhães Porto, Antonio Marcos Pereira Brotas, Simone Terezinha Bortoliero (orgs.) ; prefácio Carlos Vogt. - Salvador : EDUFBA, 2011

ROCHA, Marcelo Borges et al. **Avaliação da divulgação de questões ambientais em jornais e revistas como forma de educação ambiental.** Conhecimento & Diversidade, Niterói, n. 10, p. 73–85 jul./dez. 2013.

SEI, M. B. **Arteterapia e psicanálise.** São Paulo: Zagodoni, 2011.

SEI, M. B. Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo- **A formação em Arteterapia no Brasil:** contextualização e desafios. Textos do III Fórum Paulista de Arteterapia. - São Paulo: Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo, 2010. 163p

SILVA, Henrique César. **O QUE É DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA?** Ciência & Ensino, vol. 1, n. 1, dezembro de 2006.

SILVEIRA, Nise da. Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 22, n. 1, p. 137, mar. 2002
Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932002000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 23 jun. 2016.

SILVEIRA, Nise da. **O Mundo das Imagens** – 1992- Editora Ática S.A. São Paulo-SP.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente.** Brasília: Ed. Alhambra, 1981..

SOUZA, Rafaela Assis de. CARVALHO, Alysson Massote. **Programa de Saúde da Família e Qualidade de Vida: um olhar da Psicologia**. Estudos de Psicologia 2003, 8(3), 515-523

VADICO, Luiz. Vadico. **O Fundo Preto** - Uma análise do Documentário Imagens do Inconsciente, de Leon Hirszman. Doc On-line, n.04, Agosto 2008, www.doc.ubi.pt, pp. 104-122. Acesso em 20/10/2016.

VALÉRIO, Marcelo. BAZZO, Walter Antonio. **O Papel da Divulgação Científica em Sociedade de Risco: em prol de uma nova ordem de relações entre ciência, tecnologia e sociedade**. Revista de Ensino de Engenharia, v. 25, n. 1, p. 31-39, 2006 – ISSN 0101-5001

VOGT, Carlos. **Diálogos entre ciência e divulgação científica : leituras contemporâneas** / Cristiane de Magalhães Porto, Antonio Marcos Pereira Brotas, Simone Terezinha Bortoliero (orgs.) ; prefácio Carlos Vogt. - Salvador : EDUFBA, 2011